



Mesa Redonda: Memórias do Feminismo

Simone em São Paulo

Albertina Costa (USP)

Em 1960 Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir estiveram no Brasil. A posição que assumiram com relação à guerra da Argélia aconselhava um afastamento de Paris. As posições políticas de Sartre mais que as conferências acadêmicas galvanizavam as platéias. *Furacão sobre Cuba* que reúne a série de reportagens que narram sua experiência do país após a revolução de 1959 e seu entusiasmo por Fidel Castro teve aqui um sucesso retumbante. (Alias é surpreendente que a série intitulada Ouragan sur le sucre veiculada em *France Soir* jamais tenha sido publicada em livro na França) Beauvoir acompanha Sartre e é vista como acompanhante. Em 1959 saíra a tradução brasileira de *O segundo sexo*, no entanto, o enredo de relações amorosas abertas de *Os mandarins* suscitava mais interesse num ambiente de modos conservadores. Busco recuperar as impressões que marcaram a vida de um grupo de jovens que acompanhou fervorosamente a passagem de Sartre e Simone por São Paulo.

Gênero y feminismo en las universidades argentinas: un balance

Dora Beatriz Barrancos (Universidad de Buenos Aires)

La comunicación realizará un balance de los avances producidos en materia de género y de crítica feminista en un conjunto de Universidades públicas y privadas argentinas. Una hipótesis que guía el análisis está referida al incremento exponencial de la actividad académica relativa a estos tópicos desde la década 1990, con clara predominancia de las indagaciones sobre la condición femenina; otra, que hay un elevado número de producciones académicas que exhiben trazos interdisciplinarios aunque haya predominio de algunas disciplinas (filosofía, historia, letras). Una tercera hipótesis remite a las dificultades para reunir labor académica y acción política. Finalmente el abordaje se demorará en las principales vertientes teóricas del feminismo a las que ha recurrido la producción local y los resultados alcanzados en materia de renovación conceptual y metodológica.

Memória: que memória?

Eva Blay (USP)

Se entendermos por memória a lembrança do que passou, o que ficou de um fato ou processo histórico, creio que é precipitado falarmos em memória do feminismo. As tentativas, na sociedade brasileira, de alcançar igualdade de gênero, condição em que os seres humanos – homens, mulheres, homossexuais, transexuais e outros grupos visualizados pelo sexo biológico – sejam equiparados em seus direitos humanos, esta situação está muito longe de ser alcançada. Se pensarmos especificamente nas mulheres e homens, de qualquer etnia ou idade, o que alcançamos? Temos direitos sobre nosso corpo? Temos direito à liberdade? Ao trabalho? À cidadania? À participação política? A uma vida sem violência? Não se trata de ser pessimista e de não reconhecer o avanço alcançado já que os problemas hoje têm visibilidade. Mas ainda é muito cedo para fazermos uma memória. No máximo podemos fazer um balanço da situação atual do feminismo.

Caminhos do feminismo: imagens que revelam trajetórias

Sônia Malheiros Miguel (SPM)

Resumo: Nesta apresentação procuro refletir sobre a trajetória do movimento feminista brasileiro com base em imagens e textos de cartazes e folhetos de divulgação de suas atividades, produzidos e veiculados nas duas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI. Parto do entendimento de que esses documentos refletem e expressam as demandas e ações do movimento, permitindo um recorte histórico e conjuntural de suas propostas e também uma análise dos limites e desafios enfrentados pelas mulheres para incidir na construção de políticas que contribuam para o aprofundamento da democracia em nosso país.